

saber
leitura verdade
discurso humorístico mesmice
Foucault dar voz
argumentos de
autoridade de
posição discurso x texto
vazia ideologia polissemia
ambiguidade reportagens estilo
argumentos de autoridade lê Ducrot
análise do discurso
manobra enunciação autoria
ler é prazer bons livros
libertação objeto corpo dominação
implicito professor homonímia
sentido conceito
significação do discurso questão humorístico
opacidade da língua editoriais
redação linguístico
ler é prazer escolar Charaudeau
libertação

QUESTÕES SÍRIO POSSENTI PARA ANALISTAS DO DISCURSO

dominação interdiscurso
implicito pêcheux discurso
língua sujeito tático político
Bakhtin professor
enunciação
Maingueneau conjunto temas
discurso institucional conceito
acontecimento slogans
texto palavras
polêmica dominante
metodologia

π
parábola

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles* [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P889q

Possenti, Sírio
Questões para analistas do discurso / Sírio Possenti. - São Paulo : Parábola Editorial, 2009.

(Lingua[gem] ; 32)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-94-5

1. Análise do discurso. 2. Linguagem e línguas. I. Título. II. Série.

09-0553

CDD: 401.41
CDU : 81'42

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP

pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.



ISBN: 978-85-88456-94-5

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, fevereiro de 2009

Sumário

- 7** Nota prévia
- 9** Relações entre análise do discurso e leitura
- 21** O discurso a respeito de leitura em editoriais da ALB
- 39** Ler embalagens
- 51** O linguístico e o sentido
- 61** Sobre língua e discurso
- 71** Observações esparsas sobre discurso e texto
- 81** Dez observações sobre a questão do sujeito
- 91** Enunciação, autoria e estilo
- 103** Indícios de autoria
- 119** A noção de acontecimento
- 127** Slogans que se retomam
- 141** Ducrot e a análise do discurso
- 153** Observações sobre interdiscurso
- 169** Sobre dois conceitos de Foucault
- 181** Bibliografia

Nota prévia

Este livro reúne textos de natureza diversa. Todos foram escritos para eventos. Em geral, foram apresentados em mesas redondas. Daí a relativa diversidade dos temas. Talvez um traço os una: discutem temas centrais para a análise do discurso, mas sempre um pouco à margem das leituras dominantes.

Não gosto de ditar comportamentos, de dizer como as coisas devem ser feitas, de controlar (mesmo quando poderia) o trabalho dos outros (se escrevesse um manual, não seria adotado; se fosse, não funcionaria). Mas, paradoxalmente, de vez em quando, não consigo não achar que devo contribuir para corrigir rumos. Em boa medida, isso se deve ao fato de que as mesas para as quais fui convidado propunham alguma polêmica. Disso eu já gosto mais: de polêmicas. O que mais lamento na academia brasileira são as poucas polêmicas. Discussões públicas, especialmente por escrito: eis o que nos falta.

Menos comemorações, mais debates: poderia ser um lema, se a frase tivesse ritmo. Talvez os grupos se fortalecessem ainda mais do que pelas citações e repetições mecânicas.

CAMPINAS, FEVEREIRO DE 2009

Sobre língua e discurso*

O tema deste capítulo poderia até parecer estranho, se não tivesse ocorrido, nos últimos anos, e, de certa forma, no interior mesmo da linguística, ou, pelo menos, de departamentos de linguística, um esvaziamento, se não um desprezo, pelo material propriamente linguístico (evidentemente, esse movimento não ocorre em todas as áreas de pesquisa). Muitos estudos ligados a questões de significação praticamente abandonaram a análise do material linguístico em favor de fatores circunstanciais, situacionais, em favor de uma suposta negociação de sentido entre interlocutores etc. (de que é um bom exemplo a moda recente dos estudos de referencialidade). Os rótulos *formalista* e, mais “ofensivo”, *positivista*, por suas conotações amplamente negativas, derivadas em boa medida das supostas “novas epistemologias”, têm funcionado como senhas para o ataque aos estudos de língua. Em certos domínios disciplinares, fala-se dos estudos da estrutura das línguas em tom de desprezo. Diga-se, de passagem, que o tom é o mesmo entre adeptos desses estudos, quando se referem aos que se dedicam ao discurso ou à pragmática — ou à

* FONTE: “Sobre língua e discurso”, in: REZENDE, L. M. et al. (orgs.) (2007). *O que são língua e linguagem para os linguistas*. Araraquara: FCL/Unesp - Cultura Acadêmica, pp. 41-52.

literatura —, por suporem que tudo o que não for medição de frequência é absolutamente subjetivo ou que qualquer análise vale tanto quanto qualquer outra. Em ambos os casos, evidentemente, trata-se mais de ignorância do que de opção teórica.

Neste capítulo, vou repassar mais ou menos rapidamente as posições de alguns autores fundamentais para a AD, com o intuito de mostrar o quanto, mesmo quando eles não se assumem como “linguistas”, não só reconhecem o peso da materialidade “textual”, como exigem que a análise de discursos passe por ela, especialmente por sua materialidade linguística.

FOUCAULT

Dos nomes usualmente associados à AD, Foucault é certamente o que está mais longe da linguística. Poderia eventualmente ser incluído no grupo dos que consideram que, antes de mais nada, é preciso opor AD e linguística. O estudioso que desejasse defender essa posição encontraria um argumento poderoso em Foucault (1969):

Esta descrição [dos acontecimentos] se distingue facilmente da análise da língua. Certamente, só poderemos estabelecer um sistema linguístico ... utilizando um corpo de enunciados ou uma coleção de fatos de discurso; mas trata-se, então de definir, a partir desse conjunto que tem valor de amostra, regras que permitam construir eventualmente outros enunciados diferentes daqueles: mesmo que tenha desaparecido há muito tempo, mesmo que ninguém a fale mais e que tenha sido restaurada a partir de raros fragmentos, uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis — um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos. O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas (...) A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (p. 30-31)

Também é verdade que Foucault sempre inscreveu sua pesquisa mais propriamente discursiva no limiar imediatamente anterior ao da materialização “textual” ou terminal: como se o discurso fosse não propriamente determinado conjunto de enunciados, mas exatamente o que vem logo antes deles, o que permite sua ocorrência.

A análise permanece aquém desse nível manifesto, que é o da construção acabada; ela não dá conta de todas as suas conexões, de sua estrutura delicada (...); ... não põe em questão nem o estilo, nem o encadeamento das frases; em suma, deixa em pontilhado a disposição final do texto (Foucault, 1969: 83-84).

No entanto, uma passagem de Foucault (1971) é crucial para compreender o que é a linguagem para ele — ou melhor, seu lugar específico no funcionamento do discurso. Referindo-se às respostas que a tradição filosófica forneceu à problemática do discurso, Foucault menciona três posições que devem ser recusadas, podendo ser resumidas nas seguintes teses: “[o discurso] seria um pensamento revestido de seus signos e tornado visível pelas palavras, ou, inversamente, seriam as estruturas mesmas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentido” (p. 46). Ora, diz Foucault, para compreender os acontecimentos discursivos, não podemos considerar a questão da ótica do sujeito fundante, “encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua” (46-7), versão que, modernamente, poderia ser associada a certas pragmáticas; nem podemos adotar a tese da experiência originária, que supõe que a língua apenas reveste, não mais um pensamento, mas refere-se às coisas, à experiência imediata (“o mundo fundaria para nós a possibilidade de falar dele ... de designá-lo e nomeá-lo ... julgá-lo sob a forma da verdade”, p. 48), posição que corresponderia às hipóteses empiristas; nem se pode adotar a tese da mediação, segundo a qual a língua é uma espécie de intermediária entre os homens e o mundo, nomeando conceitos elaborados a partir das coisas e dos acontecimentos que “se tornam insensivelmente discursos” (p. 48-9). Todas essas concepções fazem do discurso apenas uma forma de escritura e de leitura, põem em jogo apenas os signos, e o discurso se anula em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante (p. 49).

A posição adequada, segundo Foucault, é a que considera o discurso “uma violência que fazemos às coisas” (p. 53). Ou seja, que a relação entre a materialidade e algum referencial é sempre o efeito de um processo que tem, para simplificar, um pé na história e outro na articulação específica da materialidade dos enunciados. Essa formulação lembra a noção de processo discursivo proposta por Pêcheux (1969), que concebe o discurso como uma espécie de encontro entre um conjunto de condições de produção e de uma língua.